

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	34800	18900	6950	6120
Possessões ultramarinas (idem)...	44000	25000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	58000	25500	—	—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 806

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Pigeo Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

20 DE MAIO DE 1901

CHRONICA OCCIDENTAL



ARTHUR NIKISCH

Maio esplendido. E foi n'um d'estes dias maravilhosos, quando flores e aves, brisas perfumadas e sol radiante, cantam hymnos de amor, que, apinhadas as galerias quentes como estufas, a questão se levantou.

As mãos dos braços, que tanto tempo estiveram abertos, metteram-se nas algibeiras.

Amigos, amigos, negocios á parte. Era um velho dictado. Foi modificado pelo sr. Hintze Ribeiro, quando respondeu ao sr. Malheiro Reimão, antigo regenerador, que falara contra um projecto apresentado pelo governo. A resposta do sr. Presidente do Conselho resume-se em poucas palavras: — Negocios á parte?... Não é d'amigos.

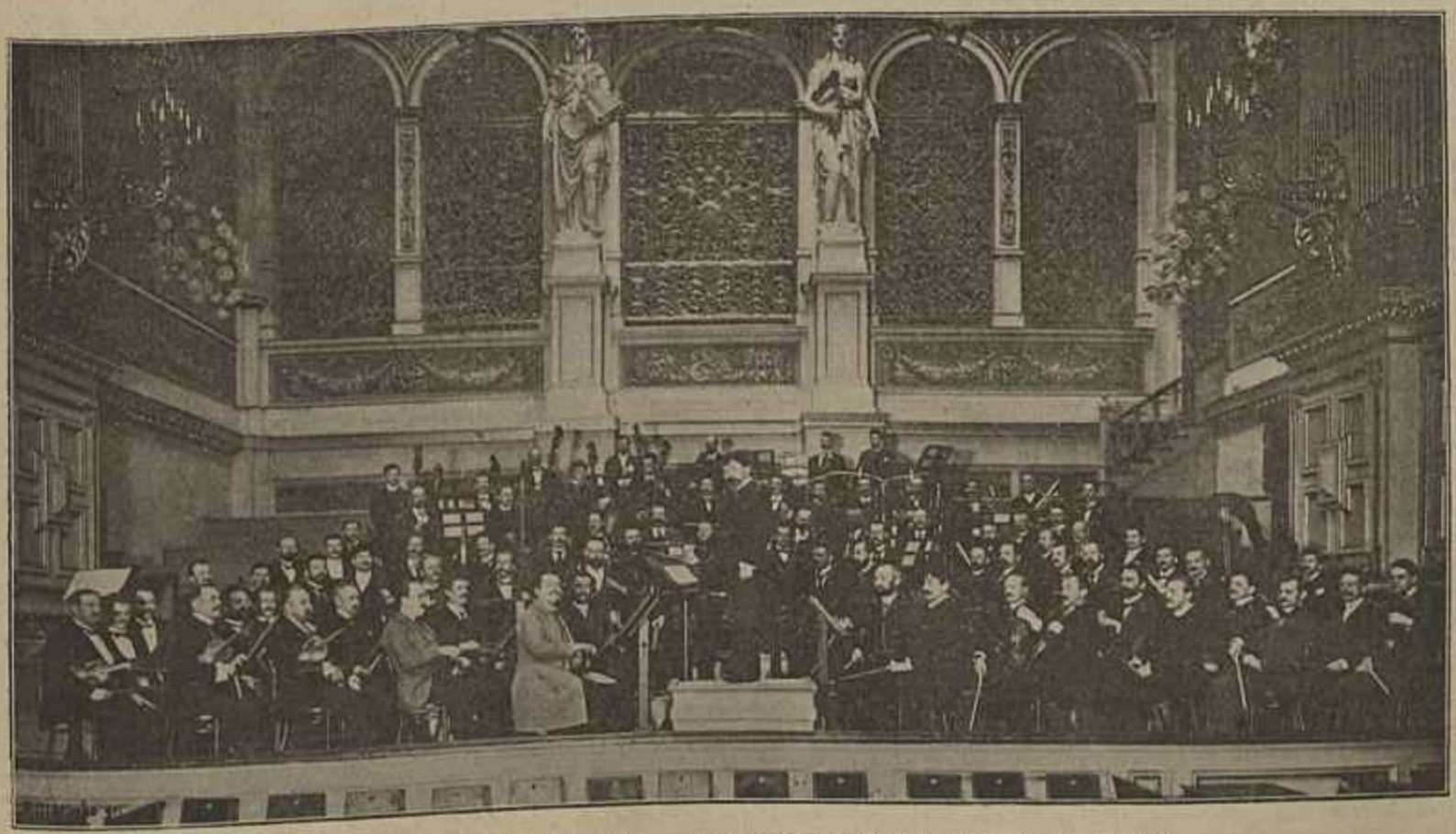
E eis como os srs. Hintze e João Franco estão definitivamente separados.

Primavera! Primavera!... Toda a santissima natureza respira paz e alegria. Quinta feira foi a festa da espiga. Era uma rapariga ajoelhar, fosse onde fosse, por esses campos, e levantar-se com um braçado de flores, de mil côres vivissimas, malmequeres brancos, botões d'oiro, papoilas vermelhas, lyrios rôxos, pequeninos miosotis tão azues como o céu radiante. Vão borboletas aos pares sobre as ondas das searas. Cantam os tentilhões e os melros ainda não vem nascendo a manhã; é sol posto e ainda lá muito em cima, que mal a vista a enxerga, cantam, cantam as cotovias.

A harmonia seria universal, se não houvesse homens na terra, se os não separasse a politica... e o mais que sempre os separa.

Estavam de dia apinhadas as galerias e ali na Avenida era a exposição das rosas; estavam á noite apinhadas as galerias e no theatro D. Amelia despedia-se do publico de Lisboa a encantadora Mariette Sully!

O sol é assim como o vinho, que a cada cabeça sobe por caminhos diferentes e por lá se revolve sempre variado. Eu creio que na primavera, homens e mulheres, velhos e novos, ricos e pobres, ninguém está no seu juizo completo. Não se dá muito por isso, porque o bem é geral. Ha um estontearmentoso, um fumo de essencia subtil, que penetra até o mais recondito centro de cada cerebro. Raciocina-se menos, idealisa-se mais, sente-se mais poderosamente. Ha tambem quem tenha o sol máo, mas passa-lhe depressa.



REAL THEATRO DE S. CARLOS — A ORCHESTRA PHILARMONICA DE BERLIM

E' que tudo é bello, e não ha bôco onde não entre um raio de luz, onde não penetre um bafô de vento que atravessasse uma vinha florida, que beijasse umas verbenas, que tocasse com as azas n'um roseiral.

Primavera! Primavera!

Esteve uns dias aberta a mais linda exposiçào de rosas que se tenha realisado em Lisboa. Concorreram a ella a Escola Polytechnica, Camara Municipal, e os srs. Duque de Palmella, Condes de Azambuja e de Burnay, commendador Almeida Lima, Manuel Affonso dos Santos e muitos outros, proprietarios de jardins e amadores da que foi e ha de ser ramha das flores para sempre.

O primeiro premio de primeira classe foi ganho pelo sr. Henri Cayeux, chefe dos jardineiros da Escola Polytechnica, pela sua nova rosa *Luiz de Sommer*.

Estamos em pleno verão. Dentro em pouco, toda a sociedade elegante fugiu de Lisboa por todas essas linhas que rapidamente a leva para Cintra, para as thermas, para o estrangeiro.

Seu ultimo ponto de reunião foi no theatro D. Amelia, quando com *La Cigale et la Fourmi* se despediu de nós a gentilissima Mariette Sully, uma das melhores (senão a melhor) cantoras de operetta franceza que tenha vindo a Portugal.

Houve recitas que ficarão lembradas, sobretudo as de *Véronique* e de *La Poupée*.

Dentro de um mez, os theatros em sua maior parte estarão fechados e os empregarios e actores, que tambem no verão tem familia a que devem dar de comer, põem-se em campo atraz de quem lhe offereça uma boa idéa.

Entretanto ainda um espectáculo houve de sensaçào. Para um fim altamente sympathico e com a assistencia da familia real e da melhor sociedade de Lisboa, por um grupo de distinctissimos curiosos, muitos dos quaes revelaram verdadeiro talento scenico, foram no theatro de D. Maria, entre os maiores applausos, representadas duas comedias do sr. Ilydio Amado, uma n'um acto, *O Perfil*, outra em tres actos, *Por Bem*. O theatro estava simples, mas muito artisticamente ornamentado, pelo sr. visconde de Sacavem.

Em theatros tudo agora são despedidas. O campo a todos convida, com suas fresquissimas sombras de ulmeiros, tilias e freixos, com seus cantores profusamente floridos, com os cantares de suas fontes.

Os que não puderem partir contentam-se com ir para um banco da Avenida, emquanto os parades chilreiam e o homem das regas atira para longe o grande penacho d'agua iriada, e ali sentados, d'olhos cerrados, sonham. E, se querem um bello sonho, folheiem, emquanto o sol vae descendo e se vão calando os murmurios da cidade, o livro agora apparecido, traducçào primorosa, que Joaquim Coelho de Carvalho fez das encantadoras Eclogas de Virgilio.

E' aproveitar emquanto é tempo. As arvores estão lindas. Um dia d'estes, qualquer proprietario influente vae queixar-se de que lhe tiram a vista.

Já nos ameaçam a transformaçào da casa do Marquez da Foz e talvez novas construcções no jardim. A idéa por alguns apresentada para a compra do palacio, talvez o mais bello de Lisboa, que deveria ser feita pelo governo, não teve talvez na opinião publica o apoio que merecia. Menos ainda alguns haviam pedido, mas nem tanto foi possível obter-se. Tornaram a passar a fronteira muitos objectos d'arte maravilhosa, alguns dos quaes reuniam á sua riqueza artistica altissimo valor historico. Citemos como exemplo o relicario offerecido pelo Papa Innocencio XI á Rainha d'Inglaterra, D. Catharina, e por esta legado ao glorioso Conde de Castel-Melhor.

E' no entanto innegavel que o amor pela arte, — não como devia talvez, mas emfim alguma coisa — se tem n'estes ultimos annos desenvolvido em Portugal.

Basta-nos para isso percorrer a exposiçào da Sociedade Nacional de Bellas-Artes e comparal-a com as primeiras exposiçõe do Grupo Leão, comparar sobretudo os preços, ainda bem mesquinhos, por que hoje os artistas portuguezes vendem os seus quadros e lembrarmos-nos do assombro produzido pelo primeiro que se lembrou de pedir pelo trabalho de muitos mezes umas centenas de mil reis.

Da rapida visita, que mal pudemos fazer ás salas da Academia, retratamos com uma impressào muito agradável. Os mestres pouco apparecem. Columbano por junto apresenta-nos um desenho. Mas, em compensaçào, muitos dos novos dão-nos as mais fundadas esperanças de que a arte continue caminhando e tendo alguns dignos representantes em Portugal.

Antonio Ramalho, Gyrão e José Malhóa são dos consagrados os que mais ostensivamente se fazem

representar, quer pelo numero, quer pela importancia de seus quadros.

Ramalho, entre outras demonstraçõe de seu alto valor, dá-nos uma curiosa collecção de desenhos representando o actor Ferreira da Silva em differentes papeis desempenhados no theatro de D. Maria. Magnifico o seu retrato a oleo.

Malhóa expõe alguns retratos excellentes. Em sua honra, festejando o exito obtido pelo nosso patricio na exposiçào de Madrid, foi-lhe, ha dias, offerecido um jantar pelos socios da Academia de Bellas Artes. Foram convidados os srs. José Reivas, Raphael Bordallo Pinheiro, João Vaz, Columbano, Plantier, Salgado, Rosendo Carvalheira, Joaquim Malhóa, etc., que todos brindaram com enthusiasmo ao que tão gloriosamente, em terra que tanto preza a arte, elevou o nome de Portugal. Percorrendo as salas da nossa exposiçào, encontramos sempre Malhóa saientando-se entre os primeiros.

Gyrão figura com tres quadros: *A mãe*, *Em familia*, e *Frente a frente*. Deliciosos.

Salgado apresenta muito menos quadros do que em outras exposiçõe. Só como pequena nota diremos que o estudo para o retrato de El-rei é uma bellissima composiçào.

El-rei expõe dois pasteis, um dos quaes pertencentes á Assistencia Nacional aos Tuberculosos: *Antes da caçada (Alentejo)* primorosamente composto, a *Praia de Adraga*, mais uma marinha, em que se mostra, como sempre n'este genero, artista de incontestavel valor.

Inaugurou a Sociedade Nacional de Bellas Artes uma nova secção a que chamou d'arte applicada que, segundo o programma, pode ser constituida por: «filigranas, esmaltes, prata e ouro levantado ou cinzelado, ferro forjado, bronzes cinzelados, marcenaria, obras de talhas, embutidos, ceramica ornamental, pintura em azulejos, trabalhos de gravura e relevo em côiro, reproducções lithographicas de obras d'arte, vitraes, encadernaçõe, rendas, tapessaria, etc., etc.»

Entre os muitos exemplares expostos n'esta nova secção chamaram mais que todos a curiosidade os lindissimos trabalhos de ourivesaria da casa Leitão e sobretudo as filigranas e o formosissimo jarro de prata.

N'uma sala especial foram religiosamente reunidas noventa e tres composiçõe do fallecido professor da Academia, José Ferreira Chaves, muitos retratos, flores, algumas paisagens e quadrinhos de genero.

A intençào era boa, o resultado foi aquelle que se desejava. Nunca Silva Porto nos pareceu tamanho artista, como quando, n'uma d'aquellas salas tambem, vimos reunida a mais valiosa parte da sua obra. Para bem avaliarmos uma obra d'arte, precisamos conhecer o artista e apenas pela sua obra poderemos conhecel-o.

O sr. Augusto Fuschini, fazendo o esboço biographico do fallecido professor, escreve:

«A collecção completa dos quadros de Ferreira Chaves não é muito grande. O mestre portuguez produziu relativamente pouco. Não admira, nunca foi de molde para desenvolver trabalho e competencia o nosso meio artistico.

Entre nós foi sempre acerba a critica, como se os artistas se reproduzissem tanto que estivesse indicada a selecção! A nossa critica em geral não acalenta nem incita, não sei porquê, entristece e desanima. Feitios...

Além d'isso, a falta de protecção faz considerar entre nós a arte como meio seguro de viver de gloria, quando a concedem, e de morrer de fome. As fortunas particulares são pequenas, duvidoso o gosto, porque a educação publica e particular n'este sentido é assaz incompleta. O Estado não tem recursos, e os nossos artistas á força de desenvolverem certas faculdades intellectuaes, deixaram atrofiar as estheticas. Por tudo isto, os artistas portuguezes, em regra, pensando na arte, tem igualmente de cuidar da vida.»

E agora aqui tem o motivo porque Ferreira Chaves que se nos revela um artista era tambem da repartiçào de contabilidade da Camara Municipal.

São de toda a verdade as palavras que o sr. Fuschini escreve, verdade o que diz do Estado, verdade o que diz da critica.

Muita honradez, superior intelligencia, não são dotes vulgares; entretanto são essenciaes n'aquelles, que sentem a necessidade de virem definir ao publico a obra dos outros. Houvera ao menos sempre a sinceridade d'uma alma boa, estou certo de que a maior parte dos artistas com esse pouco se contentava.

Ha poucos dias morreu em Lisboa, inesperadamente, um jornalista, cuja maior virtude era a bondade. Alma sempre inclinada para o bem, exercia o seu logar, procurando ser benevolo, agradável

sempre para aquelles a cujo trabalho tinha de referir-se. Muita vez o ouvimos falar e inspiravamos a maior sympathia ver como as qualidades boas de seu character em seu espirito se reflectiam luminosas. Morreu, e quantos o conheceram choraram por elle. Deixou um bello exemplo.

Fomos amigo de Augusto Peixoto e muitas finezas lhe devemos. Pouco tempo antes da sua morte, fizemos juntos uma curta viagem na linha de Cascaes. Falamos de Paris d'onde elle voltara, havia pouco, encantado. Mal sabia elle para que viagem se despedia de mim n'aquella tarde.

A' redacção do *Seculo*, mais uma vez endereçamos a expressào dos nossos pezaes.

João da Camara.

CONCESSÕES DE TERRENOS NO ULTRAMAR

(Continuado do numero antecedente)

A Camara tem a idéa justa de um praso da corôa. É grande extensào de terra, que se arrenda a quem cobra o *mussôco*. Este é a capitaçào que os indigenas estão acostumados a pagar de ha muito; e é paga ao arrendatario. Mas a lei estabelece que metade della seja satisfeita em servicos agricolas, a outra em dinheiro ao tomador do praso. De modo que este se vê obrigado á cultura, e tem braços para isso, porque o indigena, para satisfazer sua capitaçào, tem de trabalhar; e d'esta sorte se procede ao cultivo do terreno, que é o que a lei deseja, porquanto, mais tarde, volvidos 25 annos, cae o Estado sobre os dominios assim creados e suas instalaçõe, com o imposto geral, lucrando-se aqui duas cousas: — alcançarem, depois d'aquelle espaço de tempo, a propriedade perfeita os particulares, e, sobre os novos valores incidir o imposto, crescendo d'esta maneira os rendimentos da provincia, e portanto da nação.

Assim, resumindo, direi: — a actual proposta não só vae de accôrdo com os intuitos da moderna legislaçào, e com os de parlamentares illustres que sobre o assumpto discorreram e escreveram, mas vae igualmente de accôrdo com a tradiçào da Africa, pois essa tradiçào vem do tempo dos sultanados arabes, que d'est'arte tinham o regimen d'aquelles povos.

Pelo que, torno a repetir, não vejo por onde possa ser atacada esta proposta do governo. O estabelecimento da *hastá publica* para os arrendamentos está já na lei de 21 d'agosto de 1826, que assentou em geral tal principio para a concessào de grandes tratos de terra; está na proposta de lei de 30 de Junho de 1897, que consagra o mesmo principio para as concessõe a colonias de exploraçào e plantaçào; está no decreto de 18 de Novembro de 1890, do sr. Antonio Ennes, que o estabelece para o arrendatario dos prazos da corôa; está nos ultimos e melhores livros de publicistas eminentes, que affirmam ser elle o mais proveitoso para as colonias que se formam com o fim de cultura e exportaçào dos generos ricos.

O sr. ministro da Marinha ampliou aquelle preceito a todas as concessõe; e procedeu bem, porque é um principio liberal, e que, devidamente acatado, deve persistir na lei, pois acaba de vez com a maledicencia pública, que, por deprimir a auctoridade moral de um governo, ou até só por dizer mal, quer sempre ver num ministro o compadre do concessionario.

III

Sr. presidente, todos os trabalhos legaes ou administrativos em favor da Africa, são necessarios, são urgentes; mas, não podemos consumir em discussõe o tempo, que vae fugindo, e é indispensavel para a acçào. Diz um notavel historiador, que ao invadirem os barbaros o imperio de Byzancio, ainda os senadores estavam discutindo; viam-nos chegar; crescer na crista dos montes que dominavam o senado, e elles discorriam serenos, enlevados na eloquencia de sua palavra, sem olhos para o imperio que ia morrer! O mesmo direi agora.

Quer a Camara saber uma verdade? É a seguinte, e vem nos documentos officiaes. A tal ou qual attentão, que, depois de 1852 se tem dado á Africa, não esquecendo a carta de lei de 29 de Abril de 1875, que ali poz termo aos ultimos restos da escravidão, e o decreto de 21 de Novembro de 1878, que é o regulamento geral do trabalho naquelles nossos dominios, — essa tal ou qual attentão, repito, tem-na feito prosperar.

No orçamento apresentado ás côrtes em 22 de Julho de 1852, o rendimento da provincia de Mo-

cambique para o anno economico de 1852-1853, é calculado em 82:170\$731 réis, sendo:

Impostos directos.....	5:804\$878
Impostos indirectos.....	69:634\$146
Proprios e diversos rendimentos.....	6:731\$707
ou réis	82:170\$731

No orçamento para 1900-1901, o rendimento é calculado em 2.837:545\$404 réis, sendo:

Impostos directos.....	895:813\$347
Impostos indirectos.....	1.122:734\$903
Proprios e diversos rendimentos.....	818:997\$154
ou réis	2.837:545\$404

Acerca da provincia de Angola, e consultando os mesmos documentos officiaes, vê-se que o rendimento calculado para o anno de 1852-1853 é de réis..... 237:570\$990

Cincoenta annos depois, no orçamento para 1900-1901, o rendimento calculado sobre a réis..... 1.781:399\$665

Assim, mostra-se que na provincia oriental, a de Moçambique, o rendimento elevou-se, no prazo de 50 annos, de 82 contos a 3:000 approximadamente; na de Angola, na occidental, e no mesmo periodo de tempo, subiu de 237 contos a quasi 2:000.

Este resultado é devido certamente á melhor administração inaugurada nas colonias, ás concessões de terrenos, ás companhias constituídas, e aos caminhos de ferro que já funcionam, o de Ambaca e o de Lourenço Marques. E para se ver quanto as linhas ferreas tem contribuído para essa tal ou qual prosperidade, citaremos o rendimento da Alfandega de Lourenço Marques.

Em 1854-1855 (primeiro anno de que se encontra estatística), a sua receita foi tão somente de 3:675\$726 réis. Em 1899, a mesma alfandega cobrou de impostos aduaneiros, tonelagem, contribuição industrial, imposto municipal, imposto de produção, etc., a verba de 730:327\$595 réis.

Sr. presidente, a differença, para melhor, no rendimento d'aquellas provincias, é grande. Inculca que avançou, ainda que lentamente, a sua economia. Mas será o bastante? Não é.

O continente do reino, cuja area é de 89\$000 kilometros quadrados, dá ao Estado 53\$000 contos de réis. Moçambique, cuja superficie é de 780\$000 km. q (quasi 9 vezes a do continente, e superior á de qualquer dos imperios da Europa, excepto a Russia) dá-lhe approximadamente 3\$000 contos!

Por equal succeder com a provincia de Angola, que é 14 vezes superior em superficie á metropole (1:300\$000 km. q.), superior mesmo á Allema e Austria reunidas, e que tem cerca de 10 milhões de habitantes.

Isto, que se deduz dos documentos officiaes, é triste e irrisorio! Porque, civilizada a Africa, nós poderemos pagar por inteiro os juros aos credores, e estabelecer uma outra amortisação á dívida pública. É por isto que eu continuarei chamando a attenção dos poderes constituídos e a do paiz para aquella feraz e uberrima parte de nosso territorio — a Africa portugueza.

Assim, e desde agora, visto que estou usando da palavra, lembrarei ao governo a precisão constante de se crearem em Portugal, as escolas colonias, á semelhança das escolas colonias das colonias, que todas são na provincia, situadas entre o mar e um rio navegavel, possuindo terras proprias e ao lado de outras de particulares, essencialmente agricolas.

Essas escolas, alem do seu dominio rural, onde se experimentam differentes systemas de cultura e variedade de productos, tem diversas installações para a exploração: — granjas, leitaria, aviação, officinas de constructor, estações de barcos, e duas egrejas, uma catholica e outra protestante.

O seu ensino, todo pratico, é ahi ministrado por um verdadeiro exercito de agricultores e artistas, que familiarizam o alumno com os methodos processos de bem colonisar. Ahi a agricultura toma o primeiro passo; e logo a silvicultura, essencial para a exploração das colonias; e depois a criação e tratamento dos gados.

Ahi nada se esquece do que é necessario a quem se dispõe a ir procurar a sua vida nas províncias do Ultramar. O moço, que sae d'essas escolas, aprendeu a tratar devidamente os unicórnios, quando adoecem; sabe ferrar um cavallo, sabe limpá-lo, montá-lo; sabe medir os terrenos; sabe a maneira de os nivelar, de os drenar e de os ir-

rigar; sabe construir uma casa, ou uma ponte sobre um rio, com as madeiras de um bosque; sabe construir uma forja e as machinas destinadas á lavoura e ao transporte de seus productos; sabe construir sellas e arreios; finalmente, nas differentes officinas aprendeu tudo o que é indispensavel a um individuo, que, isolado na Africa, e longe do povoado, deve saber, para não ser victima do meio em que se encontra.

Tudo isto que se pratica na Inglaterra, e de ha muito, deve merecer a maior attenção dos governos portuguezes. Se não se podem fundar algumas escolas d'este genero, pelo menos devia crear-se uma para modelo e incitamento a empresas particulares, pois as escolas que mencionei da iniciativa individual, estão florescentes e são abastadas.

A França, depois de observar o que se passa na Grã-Bretanha, creou já uma escola d'este genero em a Normandia. E a escola *des Roches*, inaugurada em outubro de 1899. E'tem, além d'isso, em Paris o Instituto Colonial, que foi criação da Academia de Sciencias Moraes Politicas.

Se se pôde aproveitar, como base da população da Africa, a gente portugueza, cuja sahida para o Brasil agora vaé esmorecendo, e ha de acabar totalmente; se ella tem sido grande, pois só em 7 annos, isto é, de 1891 a 1897, deixaram Portugal, não contando a emigração clandestina, —210:640 emigrantes, dos quais a quasi totalidade—181:936, se dirigiram para a America do Sul, e apenas n'aquelle prazo de tempo, 9:342 para a Africa; se isto é assim, e em cada um d'estes annos o Brazil nos levou em média 30:091 habitantes, e a Africa sómente 1:134,—entendo que, nestas circumstancias, deve convergir para este assumpto a attenção dos poderes publicos; e tanto maior, quanto é certo que, se a emigração para as terras de Santa Cruz tem diminuído a partir de 1896, a que se dirige para a Africa não tem augmentado, como o prova a respectiva estatística. (O digno par apresentou os documentos officiaes.)

Assim se é de aproveitar a emigração portugueza, repito) e se esta, derivada para as colonias, não constitue perda, mas tão apenas um deslocamento de forças, que vão empregar-se em outro ponto da mesma nação; se a consequencia d'isto não pôde deixar de ser o augmento da permuta commercial com a metropole,—então repetirei, e com mais fundamento, que, para essa emigração ser proveitosa, são necessarias não só as escolas colonias para formar homens, que no Ultramar, por sua iniciativa e direcção, saibam aproveitar e servir-se dos braços emigrantes, mas igualmente se torna indispensavel uma lei de emigração e colonisação portugueza; por quanto, logo que a Africa cresça em prosperidade, hão de ahi acudir muitos subditos de outras nações. Não serei eu que diga o modo como essa lei deve ser feita, porque um tal assumpto está magistralmente tratado na portaria de 7 d'Agosto de 1852.

Desculpe V. Ex.* e a camara, se eu sahi, por um instante, fora do assumpto d'este projecto de lei, ainda que com elle ligado estreitamente. Fio de proposito, porquanto, já na outra casa do parlamento, um illustre orador pediu que se transformasse o *Curso Superior de Letras* n'uma escola normal de preparação para o magisterio secundario official e particular, e que se creasse mais um lyceu em Lisboa!

Ora, sr. presidente, o de que precisamos não é de mais um lyceu em Lisboa, que prepare os alumnos para funcionarios publicos, que é onde conduz a instrucção tal como está organizada. O que nós precisamos é de homens aptos para as colonias. E sabe V. Ex.* o que responde a uma tal proposta o imperador da Alemanha, e o proprio ministro da instrucção publica d'aquelle paiz, que sempre entre nós é citado em questões pedagogicas?

O imperador, no seu discurso proferido ultimamente no primeiro lyceu de Berlim, reconhece que nas escolas allemãs o ensino é bom pelo lado scientifico, mas que elle esquece a formação do character e as necessidades da epocha actual. Pelo que, aggride com sentida eloquencia o abuso da philologia e do latim, e em geral o ensino classico, a que, diz aquelle imperante, falta o lado pratico, e não educa a mocidade para as luctas reaes da vida.

O ministro da instrucção publica e dos cultos da Prussia, assim o entende igualmente. Os olhos da nação, diz elle, agora todos se voltam para o estrangeiro e para as colonias.

Pelo que, o imperador e o seu ministro ambos concluem,—que todo o ensino deve principalmente concorrer para a expansão da raça allema; e que esta deve ser educada de maneira que se collogue em circumstancias de luctar com as outras

raças, que actualmente disputam o globo; que, hoje, o principal fim do ensino deve consistir em formar espiritos praticos, capazes, em qualquer situação em que se encontrem, de poder por si proprios defender-se, resolver essa situação e prosperar. Devem ter conhecimento das cousas e do mundo.

Todos os povos hoje pensam d'este modo. Para as colonias deve exportar-se riqueza; e a principal é a dos braços:—homens educados praticamente, fortes, saudaveis, intelligentes.

Porque tal exportação não pôde dar-se immediatamente de Portugal, pois que, tendo 5 milhões de habitantes, só um milhão sabe ler, como mostra a estatística official,—segue-se que a nossa emigração deve ser combinada com a estrangeira; e por isto, a necessidade de uma lei de emigração e colonisação, e a de se crearem, e desde agora, as escolas colonias. Deve comprehender-se, e de uma vez para sempre, que as leis só por si não fazem as colonias, mas que é antes a energia, a intelligencia, a educação propria, quem faz a civilisação.

(Continúa)

Conde de Valençães.



AS NOSSAS GRAVURAS

A ORCHESTRA PHILARMONICA DE BERLIM

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a vinda a Lisboa da Philharmonica de Berlim, que se fez ouvir em as noites de 6 e 7 do corrente, no Real Theatro de S. Carlos.

É sem duvida a primeira orchestra do mundo, hoje dirigida por Arthur Nikisch um dos mais notaveis regentes de orchestra.

Arthur Nikisch é húngaro e a sua fama vem desde que em Leipzig dirigiu as composições de Wagner com rara mestria e intelligencia.

Depois foi para a America onde passou alguns annos.

Em Budapest dirigiu superiormente a orchestra do Theatro Real.

Voltou a Leipzig onde tomou a direcção dos concertos de Gewandhaus, na vaza deixada por Carl Reinecke.

A Philharmonica de Berlim tendo-o agora á sua frente confirma os créditos de Nikisch, como teve occasião de apreciar o publico que assistiu ás duas audições da famosa orchestra em S. Carlos.

O programma dos concertos foi o seguinte:

1.º Concerto

<i>Ouverture «Leonore» III</i>	Beethoven
<i>Les Preludes</i>	Liszt
<i>Symphonie n.º 5, C-mol</i>	Beethoven

- Allegro com brio.
- Andante.
- Allegro.

<i>Waldueben</i>	Wagner
<i>Ouverture «Tannhauser»</i>	"

2.º Concerto

<i>Ouverture «Freischutz»</i>	Weber
<i>«Tod und Verklarung»</i>	Rich Strauss
<i>Symphonie n.º 5 E-mol Op. 64</i> ...	Tschaikowsky

- Andante, Allegro con anima.
- Andante cantabile, con alcuna licenza.
- Valse. Allegro moderato.
- Finale. Andante maestoso.

<i>Praeludium, Adagio, Gavotte, Rondó (sur Streichorchester)</i>	J. S. Bach
<i>Meistersinger (Ouverture)</i>	Wagner

A precisão e arte com que foram executadas estas composições musicas dos celebres maestros foi além de toda a espectativa e deixou maravilhado o publico que assistiu á sua audição, como não terá facil ensejo de tornar a ouvir em Lisboa.

A Philharmonica de Berlim composta de oitenta figuras ouve-se como se fora um só orgão em que se reunisse toda a instrumentação de uma orchestra, tal é a precisão e nitidez com que cada uma das suas figuras executada a parte que lhe compete. Para chegar a esta perfeição só o muito estudo e

disciplina o conseguiu sob a direcção de grandes musicos, como os que durante o espaço de 40 annos (que tantos são os que conta a Philharmonica de Berlim) a tem dirigido. Effectivamente Ricardo Wagner, Liszt, Strauss, Saint Saens, Rubinstein, Grieg, Weingartner e outros, tem feito executar suas composições por esta philharmonica sob sua propria direcção.

Foi pena que a Philharmonica de Berlim só desse dois concertos em Lisboa, o que limitou a sua audição ao publico que poude encontrar logar em S. Carlos, e que a maior parte de nossos artistas não podessem ouvi-la, do que decerto tirariam muito proveito.

MARIA GALVANI

É uma das figuras que mais se tem salientado na grande companhia de opera que actualmente funciona no Colyseu de Santo Antão.

A sua voz, fresca e de um timbre agradabilissimo, adequa-se perfeitamente ao seu repertorio, constituido pela inspirada opera de Donizetti *A Lucia*, pelos conhecidos spartittos de Bellini *Somnambula* e *Puritinos*, pela esplendida opera de Meyerbeer *Dinorah*, pela maviosa composição de Rossini *O Barbeiro de Sevilha*, etc.

Como soprano ligeiro, é sem duvida, um dos mais notaveis que existem na actualidade. Este genero de cantores está hoje representado por um pequenissimo numero d'elles tendo, além d'isto o inconveniente de a maior parte d'estes não poderem satisfazer as exigencias dos seus papeis.

É por este facto, que Maria Galvani, apesar de nova na carreira, é

COLYSEU DOS RECREIOS



MARIA GALVANI

considerada no mundo lyrico, como uma das poucas *estrellas* que no seu genero, hoje, existem.

Encantadora na *Lucia*, é magnifica na *Somnambula*, esplendida na *Traviata*, extraordinaria no *Barbeiro* e sublime no *Rigoletto*.

Maria Galvani tem já em Lisboa os seus credits firmados, e oxalá que tenhamos o prazer de a admirar por bastante tempo, porque nunca nos cansaremos de applaudir tão brilhante artista.

PALACIO FOZ

Representam as nossas gravuras a formosissima sala Luiz XV e a galeria ao longo do jardim, no Palacio do sr. Marquez da Foz, onde tão preciosas obras d'arte se podiam, ainda ha pouco, admirar.

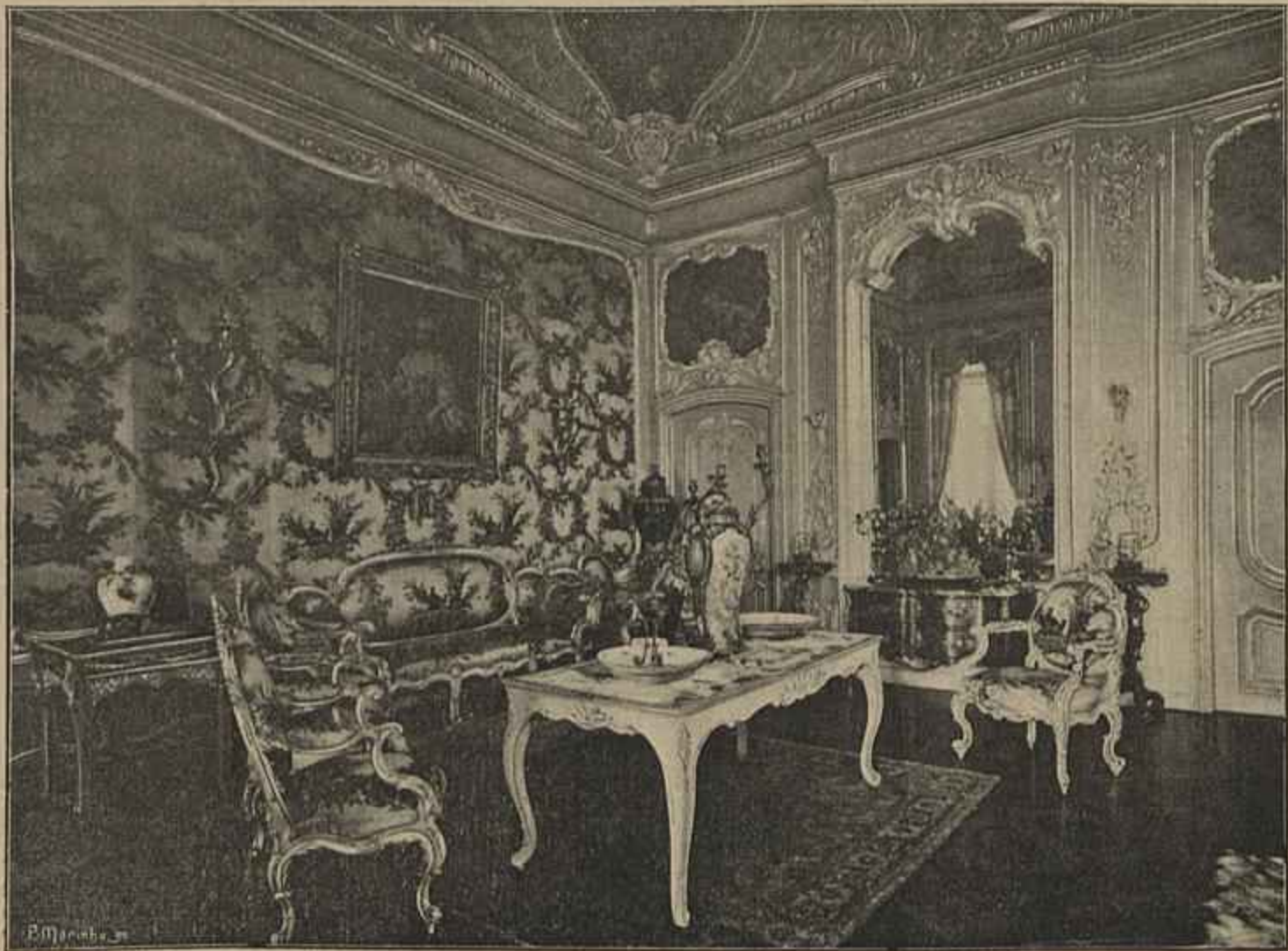
Confrange devéras os corações que ainda tem, no meio da maior indiferença, o condão de vibrar perante coisas d'arte, ver dispersar-se o que, com tão fino gosto e muito oiro despendido, n'aquelle palacio se fóra accumulando.

Estatuas de marmore de Carrára, preciosas mobílias, loiças e sedas da India, porcellanas de Sévres e de Saxe, quadros dos melhores mestres, o voo que tomaram dispersou para sempre todas essas bellas coisas. Algumas ficaram em Portugal, muitas sahiram a fronteira.

A sala Luiz XV, representada pela nossa gravura, era toda ella um primor, uma verdadeira joia, mobília, quadros, tectos, tapetes, seda forrando as paredes, sobre-portas e trabalho de talha.

Na galeria havia muitos bustos e estatuas de valor.

O leilão acabou sem que o Estado prestasse ouvidos a muitos pedidos



PALACIO FOZ — SALA LUIZ XV

que lhe foram dirigidos. Que destino terá o palacio, um dos mais bellos e o mais bem situado de toda Lisboa?

Boatos correram a esse respeito que já foram desmentidos. Breve iremos saber a verdade e Deus queira que não tenhamos a lamentar mais algum desastre na historia já muito triste da arte em Portugal nos tempos que vão correndo.

dias de Hussla, *Saudade*, elegia de Adolpho Sauvinet, e *Farandole*, de Bizet.

Tocaram: *Scherzo* para dois pianos, de Saint-Saens, Marquez de Fronteira e Alexandre Rey-Collaço; *Le Rêve e Etude de concert*, de Godefroid, na harpa, Rachel Luizello.

Cantaram: João Affonso, aria de tenor, *vanto io pur*, de Carlos Gomes; *Cantico das vagas*, ballada

chnicas eram mal formuladas, algumas ridiculas, outras inexequíveis: não se exigia opera de compositor portuguez; exigindo um grupo de cantores de 1.º ordem não se mencionava um meio soprano; no corpo de baile reproduzia a inepta condição do programma do concurso anterior de ter só 16 bailarinas, menos que o exigido pelo bailado das horas da opera *Gioconda!*



PALACIO FOZ — A GALERIA

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1891-1892

Em 3 de julho, para commemorar a dadiya da rosa de ouro concedida pelo Papa Leão XIII à rainha D. Amelia, que trouxe de Roma o Marquez Julio Sacchetti, e que foi apresentada com toda a solemnidade a rainha pelo nuncio Jacobini, na capella do palacio nas Necessidades no dia seguinte, 4 de julho de 1892, houve no theatro de S. Carlos um concerto promovido pela Real Academia de Amadores de musica, dirigido pelo maestro Victor Hussla, achando-se o theatro brilhantemente illuminado e a tribuna real ornamentada com muitas plantas.

O programma do concerto foi o seguinte:
Pela orchestra; a *marcha solemne* e tres *raps-*

de Hussla, José de Almeida; Romanza da opera *Pescatori di perli*, de Bizet, e *ballata* da opera *La Bella Fanciulla di Perth*, de Bizet, e uma canção hespanhola, pela dama Vandrelli do theatro do Colyseu dos Recreios.

Tendo a empresa administradora da firma Campos Valdez cessado os espectáculos, por não poder satisfazer os seus compromissos, o governo resolveu pôr a concurso a adjudicação do theatro de S. Carlos por 5 annos; o concurso foi aberto em 7 de abril de 1892, pelo prazo de 30 dias. O governo concedia o theatro, guarda-roupa etc., dava illuminação electrica gratis, e não só dava luz mas tambem *calor!* não dava subsidio, mas dava o que se estipulasse, annualmente, para pôr em scena uma opera completamente nova de *notorio merito e auctor de primeira ordem*; e consentia que se augmentassem os preços. As recitas ordinarias deviam ser pelo menos 60, e a duração da epocha 4 mezes. Emquanto ás condições te-

O programma tinha uma vantagem eventual para o empresario; era a concessão da verba para opera nova, que dando-se o caso de haver ministro de feição favoravel poderia ser extraordinariamente elevada; este facto permitiria durante os 5 annos refazer cinco grupos de scenas, decorações, machinismos, costumes etc. de diversas epochas, que tudo ficava pertencendo ao governo; era mesmo a unica maneira de tirar, a pouco e pouco, o theatro do estado de miseria em que se acha o seu material.

Mas a opinião publica recebeu mal esta condição, e muitos orgãos da imprensa se fizeram echo d'este sentimento, por estar ainda muito recente a impressão dolorosa produzida pelos descontos de 20 % lançados sobre os magros ordenados dos funcionarios publicos, o imposto de 30 % sobre os juros da divida publica, a supressão do ministerio de instrucção publica etc.

Disse-se até que o governo esteve mesmo para

retirar o programma; mas se teve tal ideia não a poz em execução; o prazo do concurso correu, e não appareceu concorrente algum.

Desde então o presidente do conselho, ministro do reino, manifestou sempre tendencias para conservar fechado o theatro de S. Carlos.

A associação dos musicos, 24 de junho, desejava, porém, obter o theatro; o presidente do conselho José Dias Ferreira não esteve contudo nada disposto a conceder-lho, a esta associação nem a outrem. Apesar de uma commissão delegada por aquella associação musical, apresentada e patrocinada por Victor Hussia, ter ido solicitar da rainha D. Amelia, protecção e auxilio para obter o theatro, e da rainha lhe haver prometido que faria quanto em si coubesse para a sua pretensão ser deferida, e ser agradável ao maestro Hussia, o ministro José Dias Ferreira não cedeu.

Entretanto o tempo ia correndo, aproximando-se o inverno, sem indícios de haver espectaculos no theatro de S. Carlos; a opinião publica começou a manifestar-se contra o presidente do conselho, a quem se attribuia o firme proposito de conservar fechada a primeira scena lyrica, em favor dos interessados no Real Colyseu, que tencionando dar ali opera italiana, temiam o confronto simultaneo da opera em S. Carlos. N'este assumpto os jornaes, de diversas côres politicas, fizeram côro com a opinião geral, pedindo insistentemente que se adjudicasse o theatro. O antigo empresario Freitas Brito, auxiliado por alguns amigos, manifestou desejos de obter o theatro de S. Carlos. O presidente do conselho, vivamente solicitado por diversos lados, resolveu se a pôr a adjudicação do theatro a concurso, alterando porém algumas condições das que aceitava Freitas Brito.

O concurso foi aberto em 7 de outubro de 1892, durante 15 dias. O governo não concedia illuminação, nem dava subsidio algum.

O numero de recitas ordinarias era 40; devia haver um quinteto de 1.ª ordem, soprano dramatico, meio soprano, tenor, barytono e baixo; não exigia operas novas; o deposito garantia do contrato seria de 10:000\$000 de réis; a orchestra devia, no minimo, ser composta de 70 executantes; coristas de ambos os sexos 60.

Correu o prazo do concurso, e nenhum concorrente appareceu; mas apenas elle findo Freitas Brito apresentou uma proposta, alterando algumas das condições do programma; taes eram a suppressão de meio soprano de primeira ordem, redução de orchestra a 54 executantes, e coristas 50 de ambos os sexos; deposito de 7:000\$000 de réis, e o prazo de adjudicação 5 annos.

O governo não quiz conceder o theatro a Freitas Brito sem novo concurso, o qual foi aberto em 29 de outubro pelo prazo de 8 dias. As condições do programma eram as da proposta de Freitas Brito; em logar porem de exigir o deposito immediato de 7:000\$000 de réis, apenas consignava que não poderiam começar os espectaculos sem se fazer o deposito.

D'esta vez appareceram nada menos de tres pretendentes; Freitas Brito aceitando pura e simplesmente o programma de acordo com a proposta que antes fizera; Santos Junior e C.ª empresario do Colyseu dos Recreios, alem das condições do programma, offerencia uma dama meio soprano de 1.ª ordem, duas operas novas em cinco annos, e dois beneficios a escolha das duas rainhas; Rodrigo Lencastre, do Porto, alem das condições do programma, offerencia uma dama meio soprano de 1.ª ordem, dois maestros, uma bailarina de 1.ª ordem, cinco operas novas, uma em cada anno, orchestra de 60 professores, um beneficio annual (receita bruta) para o cofre dos artistas portuguezes.

Com o novo programma era facil fazer promessas sem risco de perder o deposito, caso não conseguisse o empresario fundos para contratar companhia, pois não era obrigado a entrar com o dinheiro logo. D'esta circumstancia se fez echo a opinião publica e a maioria dos jornaes.

O governo mandou então ao governador civil que intimasse os tres proponentes a entrarem immediatamente com o dinheiro, ou a obrigarem-se a depositar-o na occasião da assignatura do contrato.

Só aceitou este alvitre o concorrente Freitas Brito; o candidato Santos apresentou um protesto, allegando ser tal intimação fora das condições do programma; o outro pretendente nada disse. Em consequencia o governo adjudicou o theatro a Freitas Brito.

Em 20 de novembro de 1892, devia verificar-se no theatro de S. Carlos uma recita de gala, para festejar o regresso dos reis de Portugal de Madrid, para onde haviam partido em 9 do mesmo mez, e chegado a Lisboa em 18.

A recita era gratuita; os convites foram feitos pelo conde da Folgosa, presidente da commissão que tomou a iniciativa das festas, e que foi alvo de grandes criticas e contrariedades, por ser creatura muito do presidente do conselho de ministros, e ter despertado muitas antipathias, difficéis de justificar; pois para a maior parte da gente era um desconhecido; perguntava se geralmente quem era este conde? donde viera? o que fazia n'este imbróglio politico theatral?

Apurava-se que se chamava Antonio de Sousa e Sá, que alcançara fortuna com o casamento, pois fora terceiro marido da viuva de Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, nora do celebre estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, e filha do antigo caixa do contrato de tabaco, barão da Folgosa. Fora-lhe dado o titulo de conde por intervenção de Manuel Pinheiro Chagas, o grande orador, que foi ministro da marinha. Actualmente viuvo e senhor dos bens do antigo contratador do tabaco, puzera-se em evidencia, pouco tempo havia, já depois da constituição do ministerio Dias Ferreira, e segundo se dizia, por suggestão d'este, convocando em sua casa uma reunião de banqueiros, capitalistas e homens politicos mais ou menos trunfos; d'essa reunião, escusado é dizer, não sahia a salvacão financeira, mas sim, segundo se dizia, uma commissão de tricas eleitoraes; effectivamente, apesar das violentas medidas do governo, deducções nos vencimentos dos funcionarios, não pagamento de parte dos juros da divida interna e externa, etc., os exercicios financeiros continuaram a ter volumosos deficits. Mas o governo segundo o costume, venceu as eleições!

Como não conseguisse o conde da Folgosa organizar um concerto em S. Carlos, apesar de n'esta occasião se acharem de passagem em Lisboa Adalgisa Gabbi, Gabrieleesco e Mancinelli, e tendo se a companhia do theatro de D. Maria recusado a representar em S. Carlos, resolveu o conde que a companhia lyrica italiana do theatro do circo do Real Colyseu, de que elle era proprietario, viesse representar a opera *Fausto* no theatro de S. Carlos.

Não faltaram pedidos ao conde da Folgosa para dar camarotes e logares das plateias para esta recita, o que forçosamente lhe trouxe grandes embaraços; nem que tivesse o theatro o triplo dos logares elle poderia satisfazer todos os empenhos. Um fiasco inesperado aguardava porem esta tão fallada parte dos festejos que devia realisar-se em S. Carlos.

Eram 8 horas da noite e já muitas carruagens conduzindo damas da côrte em grandes toilettes, diplomatas, e cortezões fardados, casacas e gravatas brancas em abundancia, e muita gente a pé, se accumulavam junto ás portas do theatro, que ainda a esta adiantada hora se achava ás escuras! ao mesmo tempo corria de boca em boca o boato que não podia haver festa, porque as machinas se negavam a dar luz electrica! Eis que apparece a luz nos globos do largo de S. Carlos, abrem-se as portas, entram os convidados, enchem-se os camarotes de damas, lindas, feias, e nem uma cousa nem outra; muitas ostentam ricos adereços de brilhantes, perolas, e diversas pedras preciosas. A Rainha D. Maria Pia regente, e o infante D. Affonso chegam e dirigem-se para as salas contiguas á tribuna real.

Mas a luz electrica começa a vacillar, enfraquece e por fim desaparece; então segue-se grande atrapalhação, e a autoridade declara não haver recita, pela incerteza da luz; entretanto immediatamente communicaram a noticia pelo telephone para o Paço das Necessidades, de modo que os reis de Portugal não chegaram a sair de casa, poupando-se-lhes a semsaboria de que tinham tido bom quinhão a Rainha viuva, o infante e centos de pessoas que tiveram de retirar-se do theatro, muitas das quaes, já não tinham ali as suas carruagens; esta debandada a pé de numerosas damas em trajos de gala, e figurões engravatados de branco, encasacados, e de farda, foi uma scena comica digna da prosa faceta de Paulo de Kock.

Mas diz um proverbio, o que se não faz em dia de Santa Luzia faz-se em outro dia; a recita de gala verificou-se na noite de 22 de novembro de 1892. Cantou-se o *Fausto*, de Gounod, pela companhia do Real Colyseu, a saber: Angela Ruanova (Marguerita), Migueis (Siebel), Angelina Pelagio (Martha), Calioni (Fausto), Serra (Mefistofele), Rubi (Valentim).

(Outiliana) Francisco da Fonseca Benevides.

SCIENCIA MODERNA

XXXI

O RADIO

A sciencia não estaciona. Cada dia que passa, é mais uma descoberta ou invenção a registrar nos seus annaes.

Agora a attenção dos scientificos tem-se concentrado, principalmente, ao estudo de um corpo de grande intensidade luminosa, e caracterizado por umas propriedades que o tornam distincto de todos os outros corpos igualmente luminosos. Referimo-nos ao radio.

Uma das ultimas sessões realizadas na Sociedade Astronomica de França teve por objecto, a discussão dos estudos effectuados, n'este corpo, pelos eminentes homens de sciencia, a que já n'esta secção, por vezes temos alludido, os senhores Becquerel e Curie. Este corpo possui um brilho extraordinario desde que o tiremos do envoltorio onde elle se acha encerrado com o fim de o conservar ao abrigo da luz.

As experiencias de Becquerel foram realizadas com um decigramma d'este corpo. Deitou esta porção n'um tubo de ensaio que, em seguida, fechou á lampada. A luz engendrada n'este tubo, tornou-se vivissima, a ponto de poder ser projectada nitidamente no tecto da casa onde se realisava a experiencia.

A sua intensidade luminosa é tal que facilmente essa luz pode atravessar o vestuario de um individuo de lado a lado, sem perder a sua vivacidade.

Outro facto notorio:

A quantidade de materia perdida pela irradição, segundo as analyses seria apenas de um miligramma em mil annos para uma superficie de um centimetro quadrado.

Este facto virá resolver um problema que, ha muito, se acha proposto, mas que, infelizmente, até hoje, não tem tido solução?

Porque motivo o sol conserva sempre o mesmo calor durante milhares de annos, e não o vae perdendo pela irradição, como succede com os outros corpos?

Se o sol fosse constituído por moleculas de radio, já promptamente responder-se-hia que era a sua constituição que obstava a essas perdas.

Resta, no emtanto, saber, qual é essa constituição.

XXXII

O TELAUTOGRAPHO

Mais uma grande descoberta. É o telautographo, aparelho destinado a transmittir a escripta ou desenhos a grandes distancias, por meio da electricidade.

Tem o aparelho a forma de uma estante. Consta de um lapis fixo a uma especie de pantographo com um braço que se move por si, e ligado a um outro de eguaes dimensões. Este systema articulado desloca-se em torno de dois eixos. O lapis é movido no sentido horizontal da esquerda para a direita, girando sobre uma folha de papel onde se regista a escripta ou desenho a transmittir. A cada palavra registada, o lapis levanta-se do papel, apoiando-se de novo na palavra seguinte e assim successivamente.

O movimento de translação do lapis effectua-se por um artificio simples: O lapis, avançando, desloca os dois braços, aos quizes é fixo e faz girar os eixos. Por este facto, os angulos dos braços varia. Esta deformação faz, igualmente, variar, por meio de *rheostatos*, a intensidade da corrente electrica que atravessa o aparelho, antes de seguir para a linha de transmissão.

Ha dois braços moveis e portanto duas correntes: uma vae por um dos fios, e a outra circula no segundo.

Na estação de chegada, o receptor possui uma disposição analoga ao transmissor, e n'aquelle, assim como n'este, se acha articulado ao aparelho, um lapis ou uma penna girando sobre uma folha de papel onde se reproduzem todas as impressões enviadas pelo transmissor.

Cada corrente transmittida actua sobre um galvanometro o qual se inclina á razão da corrente e a pena do receptor gira como o lapis do transmissor.

É necessario, comtudo, que a pena abandone o papel quando o lapis o abandonar, e se apoie quando igualmente, aquelle se apoiar. O papel para isso, é collocado sobre uma mesa. Pela pressão do lapis, estabelece-se um contacto electrico. As correntes de uma bobine de Rumkorff passam nos dois fios da linha e, por serem alternados, não influem no galvanometro do receptor, e operam

sem modificar a transmissão da escripta, sendo a penna obrigada a fazer movimentos identicos aos do lapis do transmissor. O contacto cessa desde que o lapis se levanta.

Mas o papel deve deslocar-se. A machina é que se acha encarregada d'essa missão. Na occasião da transmissão, finda uma linha do papel, appoia-se fortemente no lapis. Esta pressão, por meio de uma alavanca, faz subir o papel e envia a corrente ao receptor. Então, na mudança de linha no papel, a penna do receptor acha-se junto a um tinteiro, e a corrente obriga a penna a baixar, mergulhando esta no tinteiro, e enchendo-se por isso de tinta, de modo que as impressões, na estação de chegada, fiquem por igual nitidas em toda a extensão do papel.

O lapis é fixo nas extremidades de duas hastes articuladas aos braços dos dois *rheostatos* e independentes um do outro. Cada um dos *rheostatos* é intercalado no circuito de duas linhas diferentes ligadas ao polo positivo da bateria.

O receptor tem dois galvanometros. Os dois eixos das bobinas moveis d'estes, teem na extremidade, duas hastes, onde se liga a penna que traça os signaes.

A resistencia dos *rheostatos* do transmissor são regulados de forma que os angulos descriptos pelos braços d'estes sejam reproduzidos pelos do galvanometro.

Querendo transmittir uma mensagem, exerce-se pressão no extremo do lapis sobre uma pequena alavanca, collocada á esquerda da estante. Por este facto, põe-se em acção o mecanismo que avança o papel. Ao mesmo tempo, um commutador transmite movimento ao posto transmissor enquanto se isola o posto receptor.

Tanto a penna como o lapis deve exercer igual pressão sobre o papel. Para isso, a corrente da bateria local atravessa um electro que retém uma haste collocada entre a folha e duas outras hastes.

Finda a mensagem, exerce-se pressão sobre um botão, na parte inferior da estante, e o receptor deixa de communicar com o transmissor. A escripta transmittida por este aparelho é de uma grande perfeição, e conserva sempre grande nitidez.

Oxalá que o telautographo venha preencher uma das muitas lacunas que ainda existem na sciencia actual.

20—5—901.

Antonio A. O. Machado.

FA SUSTENIDO

Alphonse Kurr

XXIII

Havia occasões em que lhe parecia que a cantiga começada continuava dentro d'elle e punha-se de ouvido á secuta com um ar estúpido.

Outras vezes era como se lhe fizesse cocegas nos beiços, mas não podia articulal-a.

O vento soprava por entre as arvores e logo lhe parecia ouvir na bulha que os choupos faziam baloiçando-se, o que quer que fosse que lhe recordava a cantiga.

Aos domingos ouvia-a distinctamente nos sinos; mas ao chegarem ao compasso fatal, vento e sinos pareciam tornar a começar sem uma unica nota para além.

Esse cantarolar perpetuo do Barão, em meio das mais serias conversações, tornou-o dentro em pouco completamente insupportavel aos poucos amigos que ainda o visitavam em seu retiro, e a solidão completa em que o deixou o abandono d'elles não contribuiu pouco para fortalecer-lhe a manie, que por fim tomou o feitio de verdadeira loucura.

XXIV

Depois do jantar, Conrado, enquanto o Athanasio de pé, por detraz d'elle, havia muito esperava que se levantasse, pensava n'aquella extravagancia da sorte, que, havendo-lhe concedido quanto os homens mais procuram, só lhe deixara o desejo d'uma só coisa que, se o acaso lh'a deparasse, já não teria, provavelmente, valor nenhum.

Depois de muito pensar, quiz tudo resumir n'uma especie de aforismo á moda oriental e disse alto:

— A felicidade é uma gazella.

Mas logo se calou vendo certos signaes de re-provação que o Athanasio deixou escapar:

— Se V. Ex.^a dá licença, dir-lhe-hei que não

sou d'essa opinião; para mim, n'este momento a felicidade é o bocado de vacca assada, que me espera na cosinha, quando V. Ex.^a tiver acabado.

— Mas, quando acabares de comer a tua vacca assada, onde estará a felicidade?

— No momento em que me hei de metter na cama para dormir até amanhã.

— Quer dizer, disse consigo Conrado, que a felicidade é sempre aquillo que não temos, pois a mim, a não ser o final da quadra, nada me falta. Logo a felicidade é uma antithese e nada mais; a felicidade é o contrario muita vez ficticio das nossas dôres. Nos ar Jores do estio, durante uma longa marcha em terrenos de areia, a felicidade é o vento fresco, que nos refresca o rosto; no inverno, quando o gelo se prende em nossos cabellos, a felicidade será esse mesmo sol, de que nos queixavamos quatro mezes antes.

E quiz terminar o aforismo.

— A felicidade é uma gazella branca.

— Branca, porquê? perguntou o Athanasio, afoitando-se, em vista das perguntas que o amo lhe tinha feito.

Mas o Conrado não achando resposta boa, não fez caso da objecção e continuou:

— A felicidade é uma gazella branca, que só deixa ver ao homem a poeira que seus pés levantam ou o estretecimento que sua passagem deixa nos tojos.

— Mas, disse ainda o Athanasio, como é que então sabe que é uma gazella? E, se é uma gazella, como sabe que é branca?

— A felicidade disse Conrado é o que quer que seja que foge, que só nos deixa ver a poeira que seus pés levantam e o estretecimento que deixa nos tojos a sua passagem.

E acrescentou:

— E o homem que a persegue só lucra poderem cegal-o os ramos espinhosos.

O Conrado, tendo terminado o seu aforismo, levantou-se da mesa. Havia muito que não fizera tanto n'um só dia, e enquanto o Athanasio comia as suas fatias de carne assada, enquanto ia repetindo o final do aforismo — e o homem que o persegue só lucra poderem cegal-os os ramos espinhosos — procurava qualquer meio novo para encontrar o fim da cantiga.

A força de procurar, lembrou-se de que tinha por visinho um sabio em velharias, cuja filha era, segundo lh'o haviam assegurado, muito sabida em musicas. Mas o sabio não recebia ninguem, não querendo perder um tempo que chamava precioso em *futilidades*, como se houvesse coisas mais futeis do que outras.

Um amigo do Barão, que não se lhe dava de o obrigar a novos conhecimentos para livrar-se d'elle, encarregou-se de o apresentar ao sabio; e, effectivamente, quinze dias depois, veio dizer-lhe que, se quizesse lá apparecer, seria muito bem recebido.

XXV

Em que se descobre qual era a verdadeira cor do cavallo de Reynaldo de Montauban

Mas para poder apresentar Krumpholtz, o amigo só achára meio bom o de o annunciar ao visinho como um sabio que estava morto por conhecido. Tinha encontrado por esse mundo muitos sabios de profissão, que lhe não haviam parecido de força desanimadora, os quaes se houvessem dito sobre coisas conhecidas a quarta parte das asneiras que diziam sobre as desconhecidas, teriam sido troçados e corridos á pedra pelos pequenos da escola.

Julgou tal intrujice coisa tão insignificante, que nem sequer d'isso preveniu o Barão. Conrado, seguido de Athanasio, chegou a casa do visinho, como qualquer simples mortal, sem suspeitar sequer que havia sido guindado a sabio.

Encontrou-o no jardim. Depois dos cumprimentos estylo, deixou-o dizer quanto quiz, sem lhe dar palavra, esperando o momento de conseguir seus fins, isto é, de lançar os olhos sobre as musicas da filha; mas não viu maneira de pôr a proposta entre duas frases, tanto estas ao homem sabiam juntas, connexas, umas seguindo as outras, fosse pelos muitos artificios de linguagem conhecidos, fosse pela volubildade do discursador.

Porfim o sabio, depois de todos os esforços para metter o visinho n'uma conversação scientifica, a que o Barão fugiu o melhor que pode, lembrou-se d'uma pergunta directa a que era impossivel não responder.

— Há uma coisa, disse, que me atrapalha; n'um livro francez que estou lendo agora, não posso adivinhar a razão por que se chama Bayard o cavallo de Reynaldo de Montauban.

N'este momento ouviram-se uns sons de cravo;

o Barão, todo entregue ás suas preoccupações, não respondeu.

O sabio repetiu a pergunta.

Ou porque estivesse preoccupado, ou porque, de pouca sciencia, não tivesse bem presente a chronologia, respondeu sem hesitar:

— Tenho um cão chamado Hercules, porque não teria Reynaldo dado a um cavallo de batalha o nome d'um guerreiro tão famoso como foi Bayard?

O sabio olhou para elle pasmado.

O Barão percebeu que tinha dito uma tolice e poz-se a rir.

O sabio tomou a frase como graça e poz-se a rir tambem.

Mas o Athanasio que se aproximára, disse:

— Se V. Ex.^a e o Sr. me dão licença vou dizer o que me parece.

E tomando o silencio do amo por consentimento tacito, continuou:

— Há em casa do sr. Barão um cavallo lazão, que se chama o Lazão; uma egua malhada, que se chama a Malhada, outra russa, que se chama a Russa; porque é que o sr. Reynaldo não havia de ter um cavallo baio chamado Bayard?

— E quem te disse, perguntou o Barão, que o cavallo de Reynaldo fosse baio?

— É claro, disse o Athanasio. Eu não chamo a egua russa Malhada, nem a malhada Russa. Não conheci o sr. Reynaldo, mas não creio que fosse mais cego do que eu. Nunca chamaria Bayard a um cavallo que fosse russo ou lazão.

— Mas quem te diz que foi pela cor que lhe poz nome?

— Pois é claro tambem, continuou o Athanasio; já lhes provei que o cavallo do homem era baio, porque se fosse russo, lazão, ou sopa de leite, nunca o chamaria Bayard, o que quer dizer baio. Logo, revirando o argumento, é claro que visto que era baio está muito bem Bayard e nunca Lazão, nem Sopa de Leite, tal qual como eu chamo a malhada a Malhada e ao lazão o Lazão.

O Barão e o visinho passeiam atrapalhados; o syllogismo do Athanasio era errado; mas não sabiam como provar-lhe que era errado, tanto mais que a etymologia parecia certa. Para mudar de assumpto disse o Barão.

Approximemo-nos d'aquella sala; muito gostaria de ouvir o cravo de sua filha; ouvi dizer que tem muito talento e que é preciosa a sua collecção de musicas velhas.

— Pois venha, disse o visinho encaminhando-se para a sala onde se ouvia o cravo; temos toda a musica de Franco, que em 1066 mo-trou em Colonia os signaes da divisão do tempo musical, Gilles Briscois, João Okenheim, Cypriano Rosa, Hobrecht, que ensinou musica a Eresmo, Diogo de Kerl, Gaspar Krumhorn o cego, etc.

— Branca, disse elle quando chegou, apresente o nosso visinho, Barão Conrado de Krumpholtz.

— Branca! disse Conrado.

— Branca! disse o Athanasio, que se aproximára bastante para poder ouvir.

— Um sabio distincto, acrescentou o pae.

O Barão olhou para elle, tomando o cumprimento como uma graça de máo go-to.

A filha do sabio era uma mulher de trinta e cinco annos, alta e secca, vestida com pretenção.

Enquanto tocava uns trechos no piano, o Barão folheou todas as musicas sem achar o que queria. Apenas no alto d'uma pagina branca deu com este titulo *do Rheno!*

Mas quem copiaria aquella musica não foi o sabio nem a filha, não sabiam o que era que ali haviam querido pôr e depois nada provava que fosse a tal cantiga do Conrado.

Ao sahir com Athanasio:

— Branca! dizia elle com sigo. Tudo me traz lembranças d'aquella que amo.

— Branca! dizia com sigo o Athanasio. Tudo me recorda aquelle que me persegue

(Continua)

NECROLOGIA

AUGUSTO PEIXOTO

Foi com verdadeiro pezar que soubemos da morte do nosso collega Augusto Peixoto, redactor do *Seculo*, que tão novo foi roubado por uma doença tragica á esposa e filhos que elle estretecia, aos amigos e collegas que tanto o estimavam.

Dois morangos, colhidos no proprio quintal de sua casa, inocularam-lhe, por qualquer ferida pequenina da bocca, essa horrivel doença, que se

chama o tetano. Dias depois, Augusto Peixoto fallecia no hospital de S. José, apesar de todos os recursos da sciencia com que lhe acudiram.

Sendo ainda estudante do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, começou escrevendo uns artigos, que lhe foram acceptos na redacção do *Seculo*, onde passados tempos entrava para um logar effectivo.

O nosso collega Silva Graça confiou-lhe ultimamente o logar de secretario, cargo que exercia, quando a morte tío cedo o veio chamar, em plena mocidade risonha e cheia de esperanças.

Trabalhador, intelligente, optimo coração, Augusto Peixoto inspirava a todos a maior das sympathias.

Era natural de Braga e contava de idade trinta e cinco annos incompletos.

Aos nossos collegas do *Seculo*, que não de tanto sentir a falta do nosso querido amigo, enviamos os nossos pezames.

facto proveiu da natureza do proprio original e não dos arranjos não resta duvida.

Bom foi que se publicasse em volume a peça extrahida pelo sr. Marcellino Mesquita, para que a todo o tempo se ajutze do seu trabalho, comparando-o com o romance polaco, e colhendo-se d'esse exame ensinamento para tentativas do mesmo genero.

Assistencia nacional aos tuberculosos.

Em 2.º annexo ao relatorio da gerencia de 1899-1900, já por nós noticiado, se publicaram pela respectiva sub-commissão de prophylaxia umas breves *Instrucções populares contra a tuberculose*, que muito convem conhecer, e que em geral a imprensa tem mais ou menos reproduzido. Em 3.º annexo ao mesmo relatorio se publicou pela respectiva commissão de propaganda uma utilis-

berculose. Por este indice se avalia da importancia da doutrina do folheto.

Collezione Iride — Spezia — Casa editrice della «Iride» — 1900.

A graciosa revista italiana *Iride*, delicadamente dirigida pelo sr. G. Conrado, á qual nos temos referido por mais de uma vez, já publicou seis voluminhos da sua colleção especial. Temos presentes os dois ultimos, que são a *Storia di una notte d'estate*, de I. M. Palmarini e *L'ecloga di Flora* de Francesco Gaeta, dois livrinhos esmeradamente impressos, em magnifico papel e de elegantissimo formato, offerecidos ao publico pelo modico preço de uma lira cada um.

Entre outros escriptores italianos tem trabalhos seus n'esta colleção A. Albertazzi — *La fortuna di un uomo*, Jolanda — *La Rivincita*, G. Lipparini — *L'elogio delle acque*, E. Bertana — *Arcadia lugubre e preromantica* e *La Paura nei Promessi Sposi*.

De G. Conrado annuncia-se para breve os volumes *I nostri Musicisti* e o estudo critico *Giovani Scrittori Francesi*, sendo este ultimo editado por R. Pellegrini, de Parma.

A *Iride* tambem apresenta algumas edições musicas para canto.

La Bibbia «dos Jeronymos» e la Bibbia di Clemente Sernigi — *Studi comparativi* — Prospero Peragallo — *Stab. Papini* — Genova, 1901.

Com o infinito amor que dedica ás cousas portuguezas, continua o nosso venerando amigo e erudito investigador rev. Prospero Peragallo — embora afastado na cidade de Genova — a averiguar duvidas e a esclarecel-as com documentos cuja publicação constitue verdadeiro penhor de gratidão que a muito nos obriga.

O presente opusculo insere o contrato feito em Florença pelo mercador da mesma cidade Clemente Sernigi como celebre miniaturista Dante Attavanti, a 23 de abril de 1494, afim de illuminar uma biblia em sete volumes, que parece ser a dos Jeronymos, de Belem, guardada na Torre do Tombo.

Num interessante *Capitolo Unico*, que precede o documento, faz o nosso querido e respeitavel collaborador lucidos confrontos e claras deducções, estabelecendo a identidade das duas biblias, que parece evidente.

Como n'esse capitolo se rectifica em alguns pontos um dos artigos publicados n'esta revista em 1894 por Esteves Pereira acerca do famoso manuscrito illuminado, quanto á sua historia interna e externa, a esse nosso antigo collega damos o encargo de mais largamente se referir em artigo especial ao presente folheto.

Contudo fique n'este logar bem affirmado o muito que ao rev. Peragallo ficamos gratos pela sua offerta, devendo este trabalho merecer de quantos amam a historia artistica de Portugal o mais vivo reconhecimento.



AUGUSTO PEIXOTO

FALLECIDO EM 10 DO CORRENTE

sima *Cartilha de preceitos para a defeza da tuberculose*, contendo esclarecimentos tendentes a diminuir a extensão do horrivel flagello. Eis os titulos dos capitulos da cartilha: *O que é a tuberculose* — *Como se adquire a tuberculose* — *Como se evita a tuberculose* — *Como deve ser tratada a tu-*

O maior successo litterario da actualidade!!!

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

EM UM SÓ VOLUME!

O *Diccionario das Seis Linguas* não é uma obra vulgar, cabê a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta um livro utilissimo a **todas as classes.**

Francez, Allemão, Inglez, Hespanhol, Italiano, e Portuguez

Edição da EMPREZA DO OCCIDENTE, — LISBOA

Premiada na Exposição Universal de Paris de 1900

40 RÉIS CADA FASCICULO!!

Assignatura para Portugal, Açores e Africa portugueza. — Séries de 20 fasciculos 840 réis. Séries de 40 fasciculos 1560 réis Moeda forte. Estrangeiro, India e Brazil. — Séries de 20 fasciculos 950 réis. Séries de 40 fasciculos 1700 réis.

O preço será augmentado logo que a publicação termine. — Estão publicados 80 fasciculos

Assigna-se na **Empreza do OCCIDENTE**, Largo do Poço Novo, LISBOA, nas principaes livrarias e no deposito no Porto, **Centro de Publicações de Arnaldo Soares**, Praça de D. Pedro.

